

## Lima Vaz: a compreensão da realização humana a partir da estrutura subjetiva do agir ético

Andreza Cristina Damasceno Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** A ética filosófica de Lima Vaz é uma ciência que busca estruturar sistematicamente o campo conceitual do *ethos*. O campo conceitual do *ethos* manifesta-se através do agir e da vida éticas dos sujeitos. O método utilizado para organizar as categorias fundamentais do *ethos* é o método dialético (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 15), cujo princípio geral é a suprassunção (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 19). O movimento dialético é regido por três princípios: limitação *eidética*, ilimitação *tética* e totalização (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 20). Observa-se que cada um desses princípios fundamenta-se na estrutura antropológica do sujeito: a limitação *eidética* diz respeito à finitude e à situacionalidade do conhecimento do sujeito no seu existir concreto. A ilimitação *tética* diz respeito à orientação universal ao bem desse mesmo sujeito limitado e situado. E o princípio da totalização é expresso pela categoria de pessoa que, dado o objeto do estudo da ética, constitui-se como pessoa moral. A pessoa moral, nesse sentido, é o termo do discurso ético lima-vaziano e expressa tanto a clausura do discurso ético (do ponto de vista categorial), quanto a abertura transcendental (do ponto de vista dialético-estrutural) do sujeito ao bem. Dito isso, o objeto deste texto constitui-se a partir de uma análise sistemático-estrutural da realização da pessoa humana do ponto de vista da Ética Filosófica. Intentamos demonstrar como o ato ético é capaz de realizar a essência humana através dos princípios causais da razão prática (princípios da razão e da liberdade), radicados do espírito humano (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 15), mas dando o enfoque para a parte sistemática. Para Lima Vaz, a realização do indivíduo como pessoa “só alcança sua plena efetividade a partir do uso consciente da razão e do livre-arbítrio” (LIMA VAZ, 2004, p. 21, nota 24). Nesse sentido, num primeiro momento mostraremos como o discurso ético de Lima Vaz constitui-se representativamente como um sistema que estrutura as categorias e princípios da ciência do *ethos*, posteriormente mostraremos como os princípios da razão e da liberdade constituem a forma da razão prática (o que Lima Vaz denominou quiasmo do espírito) e, por último, veremos como os atos de deliberação e escolha dentre bens particulares internalizam-se no sujeito como hábito e formam a consciência moral: via fundamental para a contínua realização da identidade (*ipse*) da pessoa como pessoa moral. Por meio deste primeiro nível de compreensão do sistema ético de Lima Vaz poderemos ver, pela ótica da ética sistemática, como é possível a efetivação da realização da pessoa humana como pessoa moral através dos atos éticos.

**Palavras-chave:** Realização; Razão Prática; Razão; Vontade.

### INTRODUÇÃO

A ótica da análise da realização do indivíduo como pessoa moral neste texto se fundamentará na constituição sistemático-dialética da realização humana no *ethos* a partir da estrutura subjetiva do agir ético. Ou seja, vamos olhar para a realização do indivíduo através da organização sistemática do discurso Ético de Lima Vaz. A exposição sistemática de Lima Vaz organiza demonstrativamente os “princípios e categorias fundamentais que estruturam

1 Mestranda em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Membro do Grupo de pesquisa Estudos Vazianos (GEVaz).

a ética como ciência do *ethos*” (LIMA VAZ, 2004, p. 7). A estrutura do sistema não se dá de forma unívoca, mas constitui-se analogicamente respeitando a pluralidade histórica e social do *ethos*. Nesse sentido, o sistema da Ética de Lima Vaz não é um sistema fechado, mas sim um sistema aberto, cuja unidade cultural manifesta-se analogicamente à estrutura humana. A unidade do sistema ético de Lima Vaz possui natureza analógica pois, “o ato criador do objeto cultural é expressão da abertura do homem à universalidade do ser” (LIMA VAZ, 2002, p. 91). Em outros termos, como o *ethos* é obra humana (atos propriamente humanos, ou ato ético) ele exprime em sua inteligibilidade a própria estrutura do homem, de forma análoga. Ou, se quisermos, a lógica estrutural do *ethos* é a mesma da lógica estrutural do homem. No desenvolvimento deste artigo veremos que essa lógica é uma lógica dialética formada essencialmente pelos princípios do espírito do homem (razão e liberdade).

A partir da Teoria dos Sistemas, Lima Vaz esboça algumas características deste sistema aberto, pontuando que os sistemas abertos possuem estabilidade e coerência internas, interação com o mundo circundante, são sistemas evolutivos e próprios dos organismos vivos. Parece-nos que Lima Vaz recorre à Teoria dos Sistemas para estabelecer uma correlação com a constituição de seu sistema (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 14). Essa correlação parece ter como objetivo fornecer-nos a compreensão explicativa, por assim dizer, do sentido em que termo sistema é usado em sua obra. É importante salientar a abertura do sistema justamente para o leitor não incorrer ao erro de interpretá-lo como um sistema fechado, cuja estrutura seja determinante e autoritária, isto é, de um sistema ético determinista quanto ao agir humano no *ethos*. Contudo, em Lima Vaz, não faz sentido pensar o sistema do agir humano de forma limitante, pois a ciência do *ethos*, para o autor ouropretano, é o esforço racional de articular demonstrativamente a razão e liberdade humana, princípios que compõem seu agir em comunidade e que permitem o homem agir livremente (cf. LIMA VAZ, 2013b, p.90). Contudo, retornando à questão da Teoria dos Sistemas, quando Lima Vaz salienta que o sistema aberto é próprio dos organismos vivos, de algum modo, podemos relacionar conceitualmente organismo vivo com pessoa moral. Se tomarmos por base a analogia aristotélica entre *physis* e *ethos* podemos aplicá-la igualmente para a compreensão do sistema ético de Lima Vaz a partir da Teoria dos Sistemas. Vejamos, Aristóteles afirma que seria impróprio questionar a existência do *ethos*, pois ela é tão evidente quanto a existência da *physis*. O *ethos* seria, nesse sentido, a transcrição simbólica do homem na natureza. Logo, da mesma forma que a natureza possui suas normas e suas constâncias, assim também apresenta-se o *ethos*. Para transcrever demonstrativamente a realidade do *ethos* é preciso estabelecer quais parâmetros racionais serão utilizados para construir o discurso. Assim, evocar a Teoria dos Sistemas para explicar cientificamente um destes parâmetros, ajuda-nos a constatar que o texto que se seguirá não tem a pretensão de descrever uma receita do agir do homem, mas sim que ele pretende “verificar teoricamente a estrutura conceptual” (LIMA VAZ, 2004, p. 7) do todo (em paridade com organismo) do *ethos* cultural do homem, mostrando sua estrutura inteligível e os seus invariantes ontológicos (em paridade com a estabilidade e coerência internas dos organismos vivos) que está sempre em movimento (em paridade com a evolução dos sistemas abertos) de acordo com as condições histórico-sociais das sociedades e que é criado

pelo próprio indivíduo (em paridade com “organismo vivo”). Todo esforço demonstrativo da Ética Filosófica de Lima Vaz, portanto, assenta-se numa estrutura sistematicamente aberta, que nos permite pensar o *ethos* de acordo com suas particularidades e várias formas de manifestação, seja enquanto criação humana, seja enquanto abrigo simbólico do homem. Sendo obra do indivíduo, o *ethos cultural* apresenta-se análogo à dimensão estrutural do homem. É justamente essa analogia, ou melhor, a correlação da estrutura do *ethos* com a estrutura do ser humano, expressa na existência concreta pelos atos humanos, que pretendemos esclarecer em linhas gerais neste texto.

## A CONSTITUIÇÃO SISTEMÁTICA DA ÉTICA DE LIMA VAZ

A lógica que constitui o sistema da Ética Filosófica tem como ideia diretriz a razão prática. Os princípios que estruturam a forma da razão prática, ideia orientadora da Ética Filosófica, radicam exatamente na estrutura espiritual do homem. Logo, sendo a razão prática a ideia diretriz do discurso da ética e sendo ela informada pelos princípios do espírito humano, a forma de razão que nos permitirá discorrer sobre a realização existencial daquilo que o sujeito é por essência, fazendo a passagem do discurso antropológico para o discurso ético, é justamente a razão prática subjetiva. Como a razão prática é uma estrutura inteligível, ela permite-nos pensar sistematicamente os atos humanos e sua manifestação no *ethos*. Isso pois, Lima Vaz diz que é no domínio do agir ético que a auto-expressão do Eu sou constitui-se na forma da existência ética: a forma de existência “mais profunda e significativa de nosso ser” (LIMA VAZ, 2004, p. 19). Logo, a pertinência da análise ética da realização humana fundamenta-se em sua própria dimensão essencial: é prerrogativa do Ser existir eticamente. Então, se é próprio do homem existir eticamente, temos que compreender a estrutura desse agir ético para compreendermos a possibilidade da organização sistemática desse agir.

O agir ético é um ato propriamente humano, então, começaremos a dissertar sobre esse agir a partir da estrutura antropológica do homem que é pressuposto da ética de lima-vaziana (LIMA VAZ, 2004, p.7-8). Para Lima Vaz, “o auto-exprimir-se no *lógos* é o primeiro e fundamental ato humano e que define (...) o ser humano enquanto tal, de acordo com o axioma que estabelece a correspondência ontológica entre ser e operar” (LIMA VAZ, 2004, p. 17). A auto-expressão do ser humano no *lógos* é possível porque o homem é um ser de estrutura e relação. Enquanto estrutura, o homem é constituído pelo seu corpo próprio, psiquismo e espírito (cf. LIMA VAZ, 2004, pp.149-214). Enquanto relação o homem se abre à realidade do mundo, do outro e do transcendente (cf. LIMA VAZ, 2013a, pp.9-125). A abertura humano o permite auto-expressar-se na realidade exterior seja constituindo sua própria realidade simbólica, o *ethos*, através manifestação dos seus atos, seja constituindo sua identidade, através da reflexão sobre si mesmo (cf. LIMA VAZ, 2004, p.17). A auto-expressão da unidade do homem, a pessoa, é a forma de manifestação que o leva a realizar-se existencialmente. A unidade profunda do homem, o núcleo ontológico de sua *ipseidade* pessoal (ou identidade realizada, como veremos), é expressa pela categoria de pessoa. No discurso da Ética Filosófica, portanto, a categoria de pessoa será tanto o pressuposto do discurso, pois

quem age é a pessoa em sua constituição paradoxal e ontológica (ser de estrutura e relação), quanto o termo do discurso, pois ao agir de acordo com sua constituição ontológica, a pessoa humana traça o caminho de sua autorrealização existencial. Portanto, é justamente esse paradoxo constitutivo do ser humano como unidade em busca de sua autorrealização como pessoa, que nos dará a chave de interpretação não somente da realização do homem no *ethos*, mas da Ética Filosófica como um todo.

Vale ressaltarmos que ao auto-expressar o dinamismo do Eu sou primordial na ambiência do *ethos*, o ser humano está operando a mediação entre a forma e natureza, ou o ontológico e o dado. Nesse sentido, a constituição da identidade realizada da pessoa humana é constituída por uma dialética elementar entre a finitude de sua existência e a pluralidade de formas (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 18). Essa ressalva é importante para salientarmos a possibilidade infinita de expressões humanas no *ethos*. A forma, nesse sentido, é “termo de um movimento ou de uma operação que caracteriza uma saída de si e um retorno a si (reflexão) do ser operante” (LIMA VAZ, 2004, p.18). Segundo o texto da obra em questão, o operar humano começa em sua dimensão orgânica e psíquica (*actus hominis*), mas torna-se propriamente humana no espírito (*actus humanus*). Ou seja, a auto-expressão do homem como pessoa, sua realização, dá-se de múltiplas formas. Mais uma vez, não existe uma receita ética, não existe um caminho pré-definido que temos de seguir para a autorrealização. O caminho da autorrealização é marcado fundamentalmente pela razão e pela liberdade próprias de cada ser humano. E, caberá ao homem, ser inteligente e livre, operar de acordo com sua própria inteligência e liberdade, dentro de seu próprio *ethos* histórico-social, em busca de sua própria unidade pessoal, de sua própria identidade ética. Segundo Lima Vaz, o ato inteligente e livre, próprio do ser humano, “exprime adequadamente a interioridade mais profunda de nosso ser ou do Eu sou primordial” (LIMA VAZ, 2004, p.19), nesse sentido podemos afirmar a autorrealização humana como o caminho para a conquista de sua identidade ética. Ou seja, a auto-expressão do Eu sou primordial é a realização ética do ser humano: o ser humano se auto-exprime na relação com o bem, se autodetermina em vista do fim (*eudaimonia*). Diz Lima Vaz, “é no domínio do agir ético ou da moralidade que deve ter lugar de modo existencialmente mais determinante para a vida humana o movimento de mediação segundo o qual o ser humano se constitui na auto-expressão das suas formas de existir” (LIMA VAZ, 2004, p.19). Portanto, a autorrealização do homem enquanto Eu sou primordial é a condição de possibilidade e a justificativa racional de tratarmos da realização humana no campo ético a partir da estrutura subjetiva do agir ético. Por conseguinte, cabe a nós, neste texto, esclarecer o caminho percorrido por Lima Vaz em sua Ética Filosófica, na intenção de demonstrar racionalmente a estrutura sistemática dessa autorrealização pessoal na ambiência do *ethos*.

O primeiro ponto a ser pontuado para falar da constituição sistemática do discurso é seu modelo. O modelo do discurso ético de Lima Vaz é o modelo ideonômico. Segundo Lima Vaz, o modelo ideonômico consiste em “transcrever as razões do *ethos* num discurso racional de forma demonstrativa” (LIMA VAZ, 2004, p. 12). Como podemos observar, a palavra ideonômico é constituída dos termos *ideia* e *nómos*. Tentando uma interpretação etimológica,

para ajudar-nos na compreensão atual, o modelo ideonômico intenta transcrever na palavra, ou no *lógos*, a norma ideal que fundamenta determinada realidade, em nosso caso o *ethos*.

Como já visto na introdução, a estrutura desse discurso constitui-se como um sistema aberto. Compreender o *ethos* como um sistema e justificar os elementos desse sistema permite-nos sistematizar as categorias fundamentais que o compõe. A possibilidade de sistematização da realidade do *ethos* o demonstra como uma realidade racionalmente ordenável e inteligível (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 14). A inteligibilidade do *ethos*, e a possibilidade de racionalização dele, é um dos sentidos que nos permite afirmar a viabilidade de uma ciência do *ethos*. Sendo possível a ciência do *ethos*, cabe a nós encontrarmos uma forma de discurso que consiga levar à cabo o maior desafio já posto à razão: a articulação original entre razão e liberdade (cf. LIMA VAZ, 2013b, p.81-85). A forma de discurso que Lima Vaz encontrou para articular razão e liberdade foi justamente a forma sistemático-dialética. Essa *aporia* inicial, a articulação original entre razão e liberdade, permite-nos discorrer discursivamente sobre a peculiaridade do agir do homem no *ethos*, demarcando a sua realidade plural e significada. Sem nos atermos nesse ponto, pois ele é paralelo à discussão aqui levantada, mas quando articulamos de acordo com os códigos da razão demonstrativa razão e liberdade, somos capazes de pensar a pluralidade do *ethos* não como um relativismo aleatório, mas como as várias formas humanas de significar sua realidade e conferir a ela símbolos histórico-culturais.

Voltando à estrutura presente na obra do autor jesuíta, é a abertura do sistema que marca tanto a pluralidade dos *ethea*, quanto a sua correlação estrutural com o homem, criador dos *ethea*. O *ethos* é um sistema aberto pois seu criador, o indivíduo, também apresenta-se como um complexo sistema aberto, que pode ser descrito racionalmente através de seus subsistemas, como o orgânico, psíquico, espiritual, cognoscitivo, prático, instrumental etc, e é tarefa da Antropologia Filosófica estruturar os subsistemas humanos em unidade (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 14-15). Lima Vaz recorre a essas explicações para demonstrar, através da constituição essencial do homem, que as características da abertura do sistema da ética podem ser verificadas exatamente na manifestação existencial do ser humano, através de sua racionalidade prática (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 15). Ou seja, se os princípios essenciais que estruturam a realidade do *ethos* radicam do espírito humano e marcam a abertura transcendental do *ethos* através de seu agir, ao utilizar dessa mesma estrutura para agir o homem insere em sua realidade empírica essa mesma abertura transcendental.

Explanado o modelo do discurso e a abertura do sistema, torna-se necessário estabelecer o objeto do discurso. Ora o objeto da ética é o *ethos* manifestado pela *práxis* e vida éticas do sujeito. Nesse sentido, o *ethos* é a realidade simbólica criada pelo agir humano durante sua vida ética. Essa realidade simbólica é o campo conceptual da ética e, portanto, seu objeto. De modo simplificado, o *ethos* é o objeto da ética e, para estudá-lo demonstrativamente precisamos recorrer ao tipo de racionalidade que o cria, no caso, a racionalidade prática (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 15).

Definido o objeto do estudo ético, podemos pensar no método do discurso (cf. LIMA VAZ, 2004, 16). Primeiramente precisamos esclarecer que método para Lima Vaz possui significação clássica, isto é, de modo simplista, método significa caminho. Nesse sentido, o método deve ser definido depois de definir o objeto pois, para pensarmos num “caminho” temos de saber “aonde queremos chegar”. Ou seja, o método da Ética Filosófica de Lima Vaz é definido de acordo com as especificidades próprias de seu objeto, o *ethos*. Essa explicação é importante, novamente, para salientarmos que o sistema ético de Lima Vaz não possui caráter determinista. O sistema é pensado de acordo com a própria realidade histórica-cultural, social e individual que constitui o *ethos* humano. Continuando, então, o método adotado precisa “captar no conceito” e articular conceptualmente as categorias fundamentais do *ethos*, dentro de um discurso sistemático e aberto. O método capaz de fazer tal articulação é o método dialético. Dialética para Lima Vaz tem o sentido ontológico, ou seja, é um discurso racional sobre o ser, sobre a unidade do ser, que intenta conferir sentido para a realidade caótica, para a multiplicidade. Em outros termos, é um caminho que a inteligência percorre a fim de encontrar a racionalidade imanente à realidade concreta e, ao encontrá-la, tentar significá-la. Aplicada à ética, a dialética intenta “explicitar a racionalidade imanente no *ethos* e na *práxis*” (LIMA VAZ, 2004, p. 16) num discurso lógico-demonstrativo organizado em sistema aberto.

Portanto, o discurso ético de Lima Vaz é um discurso logicamente ordenado sobre as razões ideais do *ethos*. Temos de ver agora as categorias elementares que fazem parte dessa estrutura. As categorias exprimem a forma da razão no plano lógico-dialético são resultantes “da mediação do Eu sou, enraizado pela experiência ética no mundo do *ethos*” (LIMA VAZ, 2004, p. 19), ou seja, as categorias “exprimem um aspecto real dessa experiência” (LIMA VAZ, 2004, p. 19), pois o Eu sou é justamente o sujeito que age no *ethos*. Essas categorias são captadas a partir dos próprios aspectos reais e empíricos do *ethos*, como o *ethos* é obra do indivíduo, essas categorias já pré-existem no indivíduo. Nesse sentido, também, é na auto-expressão da existência do indivíduo ético que podemos traçar os níveis de compreensão das categorias: pré-compreensão (sabedoria de vida), compreensão explicativa (ciências humanas) e compreensão filosófica. A compreensão filosófica, por sua vez, “oferece fundamentação inteligível última da existência ética” (LIMA VAZ, 2004, p.20). Por fim, mas não menos importante, o movimento dialético tem como tarefa organizar sistematicamente essas categorias dentro do modelo ideonômico do discurso. Esse movimento possui como princípio geral a suprassunção, que “assume na unidade do discurso a particularidade das categorias” (LIMA VAZ, 2004, p. 19). O princípio de suprassunção não é uma pura e simples negação, mas é a negação dialética que conserva o momento anterior e aprofunda a experiência em um nível mais fundamental de inteligibilidade. Além do princípio geral, o movimento dialético é regido pelos princípios da limitação eidética, ilimitação tética e totalização. Já tratamos da significação desses princípios no resumo, mas podemos exemplificá-los com aquilo que dissemos a pouco: o princípio da limitação eidética marca a finitude situacional do indivíduo ético na ambiência do *ethos*, mas essa limitação é suprassumida na categoria do espírito que

se abre à transcendência. Ambas estruturas, opostas em si, são unificadas pela categoria de pessoa que expressa em termos lógico-dialéticos o princípio da totalização.

Feito o breve percurso sobre a constituição básica da estrutura do sistema ético de Lima Vaz, temos os elementos suficientes para começarmos a tratar da realização da pessoa através dos atos éticos. Nesse sentido, tentaremos esboçar no próximo tópico o agir ético, obra da razão prática.

## O AGIR ÉTICO

O agir ético é o uso da razão voltada para a *práxis* ética e possui como fim “a autorrealização do sujeito pela consecução do bem que lhe é conveniente” (LIMA VAZ, 2004, p. 33). Ou seja, o termo da razão prática, o bem, é imanente ao sujeito. O termo da razão prática é a própria perfeição (*enérgeia*) do sujeito. Diz Lima Vaz: “a obra humana por excelência é, sem dúvida, a realização plena da própria vida, orientada pela razão prática” (LIMA VAZ, 2004, p. 29). Nesse sentido, a razão prática é o primeiro invariante ontológico da constituição sistemática da ciência do *ethos*.

Terminamos o tópico anterior esboçando brevemente o método do discurso. Contudo, não nuançamos um aspecto importante deste método quando aplicado à ética. Explicitar as razões do *ethos* e da *práxis* é o objetivo da ética enquanto ciência (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 16). Ou seja, a ética tem como objetivo ser um discurso sobre as razões do *ethos*. Lima Vaz lembra-nos que o *ethos*, como já afirmou Aristóteles, é o mundo das coisas humanas (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 16). Sendo o *ethos* o mundo das coisas humanas, e sendo o homem marcado pelo princípio da liberdade, princípios este que o permite agir de modo próprio e auto-determinado (no sentido de que o agir humano não é necessário), como categorizamos sistematicamente esse agir? Retornamos então àquela aporia citada no tópico anterior: como articular demonstrativamente razão e liberdade? Vê-se, então, um paradoxo (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 16): a) a impossibilidade de fechar o sistema segundo sua própria razão; b) necessidade de abri-lo metafisicamente. O paradoxo consiste no fato de que, ao abri-lo metafisicamente estamos recorrendo à experiência última da inteligência, ou seja, estamos recorrendo à própria razão. Como Lima Vaz supera esse paradoxo na demonstração racional de sua Ética Filosófica? A resposta encontra-se justamente no método do discurso, o método dialético. Através da dialética Lima Vaz irá articular razão e liberdade recorrendo à dimensão essencial do homem e sua abertura à transcendência. Obviamente não iremos expor a categoria de transcendência neste artigo. Contudo, faremos o mesmo percurso feito por Lima Vaz na *Introdução da Ética Filosófica*.

A categoria de transcendência é constitutiva do ser humano (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 16). Sendo constitutivamente ordenado à transcendência, não poderíamos encerrar o discurso do operar humano em sua imanência, ou simplesmente em seu existir concreto. Encerrar o discurso ético na imanência seria uma contradição ontológica. Nesse sentido, devemos

estudar o agir humano individual (estrutura subjetiva do agir ético) a partir de sua dimensão onde dá-se a abertura transcendental que especifica o *télos* do agir. A dimensão do agir que o abre ontologicamente à transcendência é a dimensão causal constituída estruturalmente pela dimensão eficiente, e teleológico-normativamente pela dimensão formal. Enquanto causa eficiente, o agir ético é composto pelo dinamismo da sinergia entre os princípios do espírito: razão e liberdade. Enquanto causa formal, o agir ético é especificado pelo finalismo do bem, da verdade, da perfeição etc.

Nesse sentido, a própria estrutura racional do *ethos* não nos permite fechá-lo racionalmente, pois os princípios do dinamismo que o constitui tem a marca *tética* da ilimitação. Dada a necessidade de abertura do sistema da ética, para que ele seja condizente com a estrutura de seu benfeitor, essas dimensões permanecem abertas no fim do discurso da ética. A abertura do sistema dá-se sob dois pontos de vista. O primeiro diz respeito ao sujeito (LIMA VAZ, 2004, p. 16), e podemos entendê-la da seguinte maneira: o *ethos* é constituído pelo agir humano, a estrutura do agir humano é composta pelos princípios da inteligência e da liberdade, a inteligência e a liberdade são princípios de dinamismo ilimitado, logo o movimento da razão e da liberdade na estrutura causal do agir ético confere ao próprio *ethos* seu dinamismo de ilimitação *tética* e, nesse sentido, impõe sua própria abertura ao sistema do *ethos*. O segundo ponto de vista diz respeito ao objeto do agir ético (LIMA VAZ, 2004, p. 17), e podemos compreender essa abertura da seguinte maneira: ao agir eticamente o sujeito ordena voluntariamente o fim de sua ação ao horizonte do bem, o bem é uma realidade transcendental e una, sendo realidade transcendental e una não é possível fechá-la numa determinação imanente ou mesmo racional pois, também, sua própria constituição ontológica tem a marca da infinitude.

Como podemos ver, o ponto de vista subjetivo está articulado dialeticamente com o ponto de vista objetivo da necessidade de abertura do sistema. Essa articulação é possível dada a forma de razão que orienta o discurso da ética: a razão prática. No próximo tópico veremos brevemente a forma da razão prática para explicitar a articulação dialética entre razão e liberdade, bem e verdade. Como vimos, a necessidade dessa articulação é a tarefa de uma ciência do *ethos*. Vale salientar que ao responder a essa aporia logo no primeiro capítulo de seu texto, Lima Vaz fornece-nos a chave de leitura fundamental para a compreensão do todo do sistema.

## A RAZÃO PRÁTICA

A razão prática é forma da razão que leva o sujeito à autorrealização de sua essência na existência ética, e é “a forma mais profunda e significativa de nosso ser” (LIMA VAZ, 2004, p. 19). Então, surge-nos a pergunta: qual a forma da razão prática? Em suma, a forma da razão prática pode ser expressa conceptualmente pelo quiasmo do espírito. Agora, cabe a nós explicitar o que seria o quiasmo do espírito e em que sentido ele pode ser dito a forma da razão prática.

Assim como a Ética Filosófica de Lima Vaz, o quiasmo do espírito possui três pressupostos: o pressuposto antropológico, que fundamenta o operar sintético da inteligência e da vontade; o pressuposto epistemológico, que exprime o conhecimento dos princípios de juízo teleológico normativo; e o pressuposto metafísico, que demonstra a lógica-dialética da abertura do espírito humano ao bem e à verdade. Em última instância, o quiasmo do espírito é o nível das normas universais que guiam o agir, ele singulariza-se na consciência moral, mediado pelos atos de deliberação e escolha no aqui e agora do agir.

Lima Vaz discorre sobre a forma da razão prática no capítulo da *Estrutura subjetiva do agir ético*, especificamente no momento da universalidade. Um dos sentidos que podemos compreender a abertura do capítulo com essa categoria, assenta-se justamente no objeto deste trabalho. Como vimos, a autorrealização do sujeito na ambiência do *ethos* só é possível devido à forma de racionalidade própria da ética: a racionalidade prática. Isso, pois, a razão prática é formada pelos princípios da inteligência e da liberdade que permitem ao sujeito agir de acordo com suas próprias razão e de acordo com sua vontade. Portanto, se a Ética é o estudo racional sobre o *ethos* e o *ethos* é a realidade simbólica criada pelos seres humanos, nada mais justo do que começar o discurso ético pela estrutura racional que permite o indivíduo agir eticamente. Essa universalidade do agir subjetivo será particularizada e singularizada no aqui e agora do agir<sup>2</sup>. Por outro lado, como destacamos brevemente, a ciência do *ethos* exige a articulação demonstrativa de razão e liberdade, então, o quiasmo do espírito é a categoria através da qual Lima Vaz faz a articulação entre esses polos. A articulação é feita através do dinamismo da sinergia entre os atos da inteligência e da liberdade, diz Lima Vaz:

A interrelação dialética desses dois atributos manifesta a natureza ética da razão prática, nela tendo lugar exemplarmente o que alhures denominamos quiasmo do espírito, o entrecruzamento da verdade e do bem na sinergia dos atos da inteligência e da vontade (LIMA VAZ, 2004, p. 34)

O capítulo sobre a particularidade do agir ético tem como conceitos fundamentais a deliberação e escolha. De modo geral, podemos compreender deliberação e escolha como a atualização e concretização dos bens particulares em determinadas condições históricas e sociais. Nesse sentido, nosso intuito consiste em compreender como a razão prática opera em meio às intervenções dos valores contingentes e para-rationais do *ethos* (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 39). Ou seja, uma vez definida a forma da razão prática, a razão prática em sua universalidade, como podemos pensar a aplicabilidade da razão e da liberdade no aqui e agora do agir?

2 Posteriormente, essa estrutura irá se desdobrar demonstrativamente nas relações intersubjetivas e objetiva. Claro, devemos ressaltar que essa divisão categórica é obra da razão humana e que o *ethos* não existe de forma separada no tempo. Se pudéssemos usar uma analogia, poderíamos dizer que cada capítulo são frames do filme ético humano. Portanto, somente quando em conjunto que esses “frames” fazem sentido. O que queremos dizer é que a separação dos momentos, categorias e estruturas são uma separação didática que permite à inteligência compreender determinada realidade, no caso, a realidade do *ethos*.

Nessa categoria o indivíduo terá de usar não somente de sua estrutura espiritual (inteligência e liberdade), mas também de sua sabedoria de vida, o *phronimos* aristotélico (cf. LIMA VAZ, 2004, p. 42). Esse é o momento mediador da estrutura subjetiva, pois é o momento particular em que o indivíduo terá de optar por tal e tal ação, à luz da universalidade da razão, na realidade concreta. É justamente na situação histórica do indivíduo que seu ser irá encontrar o caminho para escolha entre os bens particulares, por conseguinte, para sua autorrealização ética.

Intrinsecamente o sujeito possui a inclinação intencional para o bem. Contudo, ele possui a liberdade de escolha para deliberar e escolher em vista deste ou daquele bem, ou até mesmo optar por não escolher o bem, por assim dizer, isto é, “razão e vontade se veem diante de um bem particular (LIMA VAZ, 2004, p.45). Nesse sentido, liberdade de escolha apresenta-se diferente do livre arbítrio: a liberdade de escolha é a própria vontade do indivíduo penetrada pela razão. O livre arbítrio seria a possibilidade de utilizar de sua liberdade de escolha, ou não. Portanto, deliberar quais entre os bens que nos são apresentados no aqui e agora do existir ético nos levará à autorrealização, é justamente a execução da liberdade de escolha, próprias dos seres racionais e livres, portanto, própria do ser humano no caminho de sua autorrealização ética (cf. LIMA VAZ, p.45-6).

A consciência moral é a categoria que marca o momento da singularidade do agir ético. Podemos compreendê-la, num primeiro momento, como a revelação do Eu interior através da concretude do ato ético. Em termos demonstrativos, o exercício da razão prática que tem seu primeiro momento na universalidade da razão, desdobra-se na particularização do ato e singulariza-se na consciência moral (cf. LIMA VAZ, 2004, p.51).

Para Lima Vaz, o ato do indivíduo ético é essencialmente moral (cf. LIMA VAZ, 2004, p.56-58). Ou seja, a constituição do ato na dimensão espiritual exprime a moralidade de seu ser (ou consciência moral). Este ato é um ato reflexivo, ou seja, ao agir o sujeito intenciona sua ação racionalmente e a interpreta antes mesmo de executá-la. Não é pertinente trazemos categorias tempo-espaciais, mas para melhor compreender a reflexividade do ato podemos pensar que ela ocorre numa fração de segundo, onde o sujeito intenciona o ato, reflete sobre ele e julga se o ato está de acordo ou não com a universalidade da razão e do bem. Nesse sentido, a consciência moral possui como característica fundamental a instância de interioridade e judicatividade (cf. LIMA VAZ, p.59-60). A consciência moral compri-se, ou forma-se, na imanência do ato, no conhecimento prático do agir que reflete sobre si e volta-se para o objeto do ato. Nesse sentido, é na existência situada (limitação *eidética*) que o sujeito pode agir reflexivamente e ir além de si mesmo (ilimitação *tética*), em busca de sua identidade ética (*ipseidade*). A ipseidade, nesse sentido, é uma conquista permanente no movimento da realização existencial da vida do indivíduo (cf. LIMA VAZ, 2004, p.64-65). A categoria formal que exprime o sujeito ético no caminho constante da autorrealização é a categoria de Pessoa que, dado o objeto deste estudo, é a Pessoa Moral: feixe do agir e da vida do sujeito (cf. LIMA VAZ, 2004, p.231-232).

Então, perpassados os três momentos da Estrutura Subjetiva do Agir Ético podemos fazer o “enfeixamento” do texto dizendo que o quiasmo do espírito, enquanto forma da razão prática é a abertura da pessoa, como um todo aberto, na sua constituição ontológica. A pessoa abre-se ontologicamente pelos atos da inteligência e da vontade à universalidade do ser e do bem no caminho de sua realização ética. Esse percurso é feito ao longo de todo o livro da *Ética Filosófica* de Lima Vaz, contudo, seu núcleo estrutural encontra-se na definição da ética como um sistema dialético que busca articular originalmente razão e liberdade. Essa articulação está presente justamente na estrutura subjetiva do agir ético, via através da qual buscamos explicitar as articulações mais fundamentais para a compreensão da realização humana na existência concreta do *ethos*.

## BIBLIOGRAFIA

LIMA VAZ, Henrique C. de. *Antropologia filosófica I*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2014;

\_\_\_\_\_. *Antropologia filosófica II*. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2013a;

\_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia II: Ética e Cultura*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2013b;

\_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia III: filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 2002;

\_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica I*. São Paulo, Loyola, 1999;

\_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia V: introdução à ética filosófica 2*. São Paulo, Loyola, 2004;